



Baixo rendimento dos alunos do 6º ano na disciplina de matemática em uma escola pública de Ji-Paraná – Rondônia - Brasil: falta de motivação?

Enoque da Silva **Reis**
Universidade Federal de Rondônia (Unir)
Brasil

enoque.reis@unir.br

Simone dos Santos **França**
Faculdade Panamericana de Ji-Paraná
Brasil

Anhin.1@hotmail.com

Nei Araújo **Silva**
Universidade Federal de Rondônia
Brasil

neiaraujosilva@hotmail.com

Resumo

O presente artigo analisa o histórico de notas do 4º ao 6º ano de dois alunos na disciplina de Matemática da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio 31 de Março, situada no município de Ji-Paraná – RO - Brasil. As fontes utilizadas foram os documentos oficiais da mesma. O procedimento da pesquisa é de caráter bibliográfico e qualitativo. Propomos trazer à tona uma discussão a respeito da motivação no processo ensino-aprendizagem. Buscamos também propiciar ao campo educacional, reflexões que poderão contribuir com o desenvolvimento do ensino e aprendizagem dos alunos do 6º ano. Como resultado constatamos a existência de um declínio das notas, e tal baixa nos remeteu a concluir que a transição do ensino de matemática aplicado por um pedagogo para o ensino desenvolvido por um licenciado em matemática, é um dos fatores que se apresenta como uma causa da falta de motivação referente a disciplina em questão.

Palavras-Chave: Baixo rendimento. Reflexos. Desmotivação. Sexto ano.

Primeiras palavras

Este artigo descreve o rendimento de 8 (oito) alunos do 6º ano do ensino fundamental na disciplina de matemática na escola pública 31 de Março situada no Município de Ji-Paraná RO, no entanto analisamos somente dois, visto que trata-se de um recorte para este artigo. O rendimento supracitado está caracterizado a partir das notas referentes ao 4º ao 6º anos, com um enfoque nas notas apresentadas no último ano citado a fim de analisar o que ocorre na transição do 5º para o 6º ano, visto que, nessa passagem observa-se inicialmente o trabalho do pedagogo e posteriormente o trabalho do professor licenciado em Matemática.

Para concretizar esta pesquisa, buscaremos descrever a importância da motivação no ensino aprendizagem e as situações avessas na falta dela. Para tal, recorreremos a vários autores que concordam entre si que não existe aprendizado sem motivação.

No que diz respeito à análise, que sob o olhar das notas de 8 (oito) alunos do 4º, 5º e 6º anos, analisamos se realmente a transição das séries iniciais pode ser ou não, um dos fatores que promove a desmotivação na aula de Matemática.

A importância da motivação no contexto escolar

Nesse momento, dedicamos algumas palavras na intenção de levar o leitor a se deparar com a importância da motivação no contexto escolar, assim, iniciamos destacando que infelizmente, o ensino fundamental não está superando as metas indicadas pelo MEC (Ministério da Educação), o que nos levou a observar e descrever a importância do professor em sala de aula, pois é fácil verificar que este, é sem dúvida o percussor do processo de ensino aprendizagem na escola, assim, propomos algumas orientações que podem contribuir para que haja motivação em sala de aula.

A percepção da fragilidade na educação tem levado vários autores como, por exemplo, Piletti (1993) e Bzneck (2009) a se debruçarem sobre o assunto referente a educação. De forma que com frequência os projetos e programas consideram o todo, no entanto, o todo não pode ser considerado senão por partes, razão pela qual alguns fatores subjetivos como a motivação e a afetividade não são aprofundados nas escolas. Esses fatores estão intrinsecamente ligados ao contexto educacional, e de acordo com esses autores, podem alavancar a aprendizagem dos alunos. É perceptível que muitos autores concordam em um ponto, não existem aprendizados sem motivação.

Quando se fala de motivação o nosso cognitivo articula várias situações interiores, sem, contudo, definir claramente o que a palavra no seu sentido original quer dizer. Para darmos uma resposta a essas indagações, analisaremos a palavra motivação citada acima, na visão de Bzneck (2009, p. 9) que diz:

[...] uma ideia sugestiva sobre motivação, normalmente aplicável a qualquer tipo de atividade humana, é fornecida pela própria origem etimológica da palavra, que vem do verbo latino *movere*, cujo tempo supino *motum* e o substantivo *motivum*, do latim tardio, deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é motivo. Assim, genericamente, a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso. (Itálico nosso).

A qualidade e a intensidade do envolvimento nas aprendizagens dependem da motivação, Bzneck (2009) legitima que no aluno, a motivação é considerada como determinante talvez principal do êxito e da qualidade da aprendizagem escolar. Já Fita (2003), acredita que a

motivação é um conjunto de variáveis sejam contextuais ou pessoais, que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido visando alcançar um objetivo.

Para Huertas (2001) a motivação é definida como um processo psicológico, ou seja, ela é proporcionada por meio dos componentes afetivos e emocionais. Todavia, são vários os atributos que influenciam na motivação da pessoa, para o autor, ela vai surgindo no campo da subjetividade a partir das características de cada indivíduo, visto que estes possuem diferentes metas, expectativas e formas de visualizar a vida.

Para Barbosa (2005, p. 21) “a origem da motivação é o desejo de satisfação de necessidades e um conjunto de fatores que determinam a conduta de um indivíduo”. Assim, entendemos que a motivação é um comportamento que vai surgido interiormente e que remete a satisfação das mesmas; ou seja, é a busca da satisfação de desejos que precisam de respostas imediatas.

A importância do professor na sala de aula

Temos visto muitos professores que ao longo de suas vidas se dedicaram a profissão e de certa forma deram sua contribuição para a sociedade. No entanto, como o avanço tecnológico das últimas décadas, houve conseqüentemente uma mudança no convívio social, e muitas práticas que se utilizavam nas escolas parecem que já não funcionam mais.

Há muito tempo tem aparecido o questionamento sobre a falta de motivação, porque o aluno de hoje não tem mais aquele interesse em aprender, especificamente na disciplina de matemática? O que mudou na sociedade para que haja essa postura dos alunos? Como os professores devem agir diante da falta de motivação? São algumas questões que precisam ser discutidas em âmbito social, mas principalmente nas escolas e universidades, pois na visão de muitos autores, a motivação é o caminho para o desenvolvimento e aprendizado dos alunos, como esclarece Pilleti (1993, pag. 63):

A motivação é fator fundamental da aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Pode ocorrer aprendizagem sem professor, sem livro, sem escola e sem outra porção de outros recursos. Mas mesmos que existam todos esses recursos favoráveis, se não houver motivação não haverá aprendizagem.

Mediante essas realidades, para que o professor desenvolva um bom trabalho, é imprescindível que ele dentre os outros elementos fundamentais, como o uso da tecnologia em sala de aula, tenha conhecimento prévio e domínio dos conteúdos, conheça no mínimo um pouco sobre motivação e a importância desta no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. Nesse sentido, Pozo (2002) traz que a motivação deve ser considerada como um requisito, uma condição prévia da aprendizagem, ou seja, para o autor não basta somente conhecer, mais aplicá-la.

Podemos também considerar que é de suma importância estar revendo as circunstâncias da falta de motivação, pois este fato quase que totalmente prejudica o dia a dia em uma sala de aula, pois desestrutura as aulas quando os alunos não participam. Se o objetivo do ensino é fazer com que o aluno realmente aprenda os conteúdos, de forma alguma se pode deixar que alguns fatores que podem ser melhorados prejudiquem o aprendizado.

Para isso, é importante que o professor conheça seus alunos e suas particularidades, pois o que pode ser interessante para um, pode não ser para o outro. Por isso, Marinho e Fiorelli (2005) afirmam que os mesmos estímulos e estratégias quando aplicados a diferentes pessoas ainda que

em situações praticamente idênticas, conduzem a diferentes resultados. Carvalho, Pereira e Ferreira (2007, p. 10) na visão de (FITA 2003), enfatizam que:

“Para o professor compreender o que motiva os alunos, é necessário que o mesmo estude o contexto da aprendizagem, das individualidades dos alunos, bem como suas ideias prévias e tire conclusões que estejam contempladas em seu planejamento de ensino. Assim o professor tem a possibilidade de selecionar os conteúdos que despertem o interesse dos alunos, aqueles para os quais eles se sintam mais motivados a aprender”.

Segundo Guimarães (2001) é perceptível o interesse dos alunos em desenvolver atividades que lhe são atribuídas recompensas, como por exemplo, elogios. Acompanhada dessas atividades, é importante que o professor traga em sua metodologia, assuntos que de uma forma ou de outra despertem o interesse do aluno, pois, de acordo com Leite (2007, p. 36):

“É mais fácil aprender o que nos interessa. Sem motivação o aluno não presta atenção, não participa, não faz as tarefas. Ou até faz, mas preocupados simplesmente em corresponder à expectativa do professor, sem interesse em aprender”.

Segundo Coll (2004), a crença tradicional é que a motivação é própria de cada um, que o aluno é responsável por seu pouco interesse pela aprendizagem. Todavia, as teorias mais atuais apontam que condições externas podem influenciar direta ou indiretamente na motivação do aluno:

[...] os motivos de um aluno são um produto da interação dele com os diferentes contextos em que está presente o sentido da aprendizagem escolar. Essa responsabilidade da escola e dos professores não pode fazer com que se esqueça de que a motivação é moldada em contextos não escolares, como a família, a classe social e a cultura (Coll, 2004, p. 129).

De acordo com Lira (2013, p. 05) baseada na abordagem comportamentalista de Skinnir ele ressalta que:

“É de responsabilidade de o professor assegurar a aquisição do comportamento. Os comportamentos desejados dos alunos serão instalados e mantidos por condicionantes e reforçadores arbitrários, tais como: elogios, graus, notas, prêmios, reconhecimentos do mestre e dos colegas, prestígio, etc., os quais, por sua vez, estão associados com uma outra classe de reforçadores mais remotos e generalizados, tais como: o diploma, as vantagens da futura profissão, a aprovação final no curso, possibilidade de ascensão social, monetária, status, prestígio da profissão, etc.”.

Para que os alunos se sintam motivados em sala de aula é imprescindível a participação do professor. Contudo, é importante ressaltar que uma das maiores dificuldades dos professores é envolver os alunos em atividades de aprendizagem. Às vezes é mais prático e cômodo permanecer com a mesma prática do que buscar novos desafios. É evidente, que muitas vezes a escola não possui infraestrutura nem materiais necessários para o bom desenvolvimento do trabalho docente, entretanto, Ripplinger e Brancher (2006) afirmam que:

[...] vale ressaltar que, para fugir do método tradicional de ensino, não precisamos grandes inovações e recursos financeiros, basta apenas preparar a aula de uma maneira diferente, sequenciando os conteúdos, procurando relacioná-los com o conhecimento cognitivo prévio dos alunos e com condições contextualizadas, etc.

Se por um lado a crença tradicional segundo Coll (2004) diz que a motivação é própria de cada um, e que o aluno é responsável por seu pouco interesse pela aprendizagem, por outro lado,

autores como Skinnir, Guimarões e Braghirolli afirmam categoricamente que a motivação mesmo que parta do próprio sujeito está estritamente ligada às relações que este estabelece com o meio exterior. Mediante este pressuposto Luna (2008) afirma:

“A falta de motivação é causada por características pessoais do aluno e o contexto da escola. O medo o fracasso e a forma de encará-lo; a falta de clareza sobre os objetivos da aprendizagem; e a não satisfação das expectativas são alguns dos motivos de ordem pessoal. Além deles existem a influência dos pais, colegas e grupos sociais, mais as experiências anteriores de cada um. Junte-se a isso o ambiente da escola e da sala de aula para o desenvolvimento das atividades, como a organização, a interação com o professor e a avaliação. É aí que o educador pode intervir”.

Observando essas realidades, é comum encontrar nas escolas alunos desmotivados, que segundo os autores citados acima, mediante as circunstâncias foram influenciados por alguma situação, entretanto, os professores também estão desmotivados em sua atividade por conta desses alunos. Por isso, Souza apud Tapia e Fita (2003, p. 88) afirmam que:

[...] se o professor não está motivado, se não exerce de forma satisfatória sua profissão, é muito difícil que seja capaz de comunicar a seus alunos entusiasmo, interesse pelas tarefas escolares; é definitivamente, muito difícil que seja capaz de motivá-los.

Em face dessas situações, o trabalho em equipe pelos professores de uma mesma escola, a troca de experiências, definição de perspectivas de intervenção devem ser consideradas fundamentais na prática da docência. Todavia, não há receitas prontas, o professor deve procurar aprender a partir da própria experiência, sendo coerente consigo próprio.

Procedimentos da pesquisa

O presente trabalho é de caráter bibliográfico e qualitativo, no qual, está baseada a análise documental, em que segundo Lüdke e André (2008), podem-se revelar diferentes aspectos do tema em questão, além de ser uma fonte rica e fornecer evidências que fundamentam as afirmações do pesquisador.

Para tal pesquisa destacamos nosso entendimento a respeito de documento que conforme o Dicionário Michaelis digital esclarece, refere-se ao escrito ou objeto que serve de testemunho ou até mesmo prova, e tais elementos constituem de informação, por outro lado, Moroz *et all* (2006 p.80) afirmam que “ Os registros podem ser utilizados como fonte confiável de dados, desde que alguns cuidados sejam tomados, como por exemplo, certificar-se de que os documentos sejam autênticos [...]”.

Conforme citado no parágrafo anterior, podemos a partir do entendimento da escrita de Moroz classificar nossa fonte de dados como documentos, haja vista, que tais dados são oriundos de registros administrativos, de forma que nossa coleta de dados foi fundamentada nos diários de classe da Escola 31 de Março.

Sendo assim, buscamos junto à secretaria da escola, as notas finais da disciplina de matemática dos alunos que cursaram nessa mesma instituição o 4º, 5º e 6º anos. De posse dessas notas inicia-se o processo de análise, identificando inicialmente se elas são constantes, crescentes ou decrescentes, com o intuito de verificar se as notas oriundas do sexto ano, que estamos considerando – o ano de transição das séries iniciais do Ensino Fundamental para as séries finais do Ensino Fundamental – pode ser ou não, um dos fatores que faz os alunos investigados se sentirem desmotivados na aula de matemática. A análise estudada adiante apresentará um

caminho reflexivo, proporcionando a cada um a visão da importância ou não do fator motivação no processo de ensino e aprendizagem de matemática.

Análise dos dados

Nesse ponto iremos desenvolver nossa análise, para isso abordaremos a descrição do 6º ano do Ensino Fundamental na disciplina de matemática, observando as notas de 8 (oito) alunos que estudaram o 4º, 5º e 6º anos e analisando a de dois desses alunos na escola 31 de Março.

A turma observada do 6º ano possui 25 (vinte e cinco) alunos, sendo 11 (onze) do sexo masculino e 14 (catorze) do sexo feminino. Todavia, desses 25 (vinte e cinco) alunos só foi possível estudar 8 (oito), sendo 4 (quatro) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino. A razão pela qual foram escolhidos esses 8 (oito) alunos, foi devido ao fato de que precisávamos encontrar os mesmos alunos que cursaram o 4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental. De forma que para explicar melhor, na turma do 4º ano, 5 (cinco) alunos foram transferidos e um desistente. Quando esses alunos do 4º ano passaram para o 5º ano, novamente 5 (cinco) alunos foram transferidos. Em seguida na passagem do 5º ano para o 6º ano, dois foram transferidos, um desistente e dois reprovados. Em resumo, dos 25 (vinte e cinco) alunos do 6º ano, apenas 8 (oito) alunos estiveram em todas as três turmas mencionadas acima, ou seja, não foi possível conseguir as notas em sequência de todos os alunos do 4º, 5º e 6º anos, ficando no final apenas com 8 (oito).

Com o intuito de facilitar a visibilidade das notas e observar o rendimento mensurado, a partir das mesmas foram constantes, crescentes ou decrescentes, nos dando assim, a possibilidade de destacar se esse rendimento pode ser um dos fatores que desmotivam os alunos dessa série, assim, inserimos a tabela que segue:

Tabela 1

Notas dos alunos do 6º ano da escola 31 de Março

Nº	Nome fictício	4º ano	5º ano	6º ano
01	Maria	6,1	6,0	6,5
02	Josefa	8,5	8,1	7,0
03	Tereza	8,0	8,4	7,6
04	João	6,3	6,8	6,5
05	Pedro	7,6	8,3	6,6
06	Manoel	6,1	7,6	5,1
07	Joaquim	9,1	9,6	9,6
08	Vicente	6,2	7,4	7,3
Média		7,2	7,7	7,0

Nota: Dados cedidos pela Secretária da Escola

Considerando que este artigo traz somente um recorte de um trabalho de conclusão de curso, destacamos desse grupo apenas dois alunos, a aluna Josefa e a aluna Tereza, para que possamos realizar nossa análise pontual. E para finalizar destacamos o grupo todo.

A aluna Josefa da tabela, no 4º ano tem sua nota igual a 8,5 e no 5º ano 8,1, porém quando termina o 6º ano sua nota obtida é igual a 7,0. Nesse caso, cabem algumas indagações: o que deve ter acontecido no decorrer dos anos que afetou essa aluna a ponto de decrescer 1,5 pontos? Será que houve pouca motivação? Será que os conteúdos ministrados não tiveram uma

sequência lógica para ela? De forma que na intenção de se aproximar ao entendimento de uma possível resposta para tais questionamentos recorremos a Bzuneck (2009), por afirmar que em sala de aula, os efeitos imediatos da motivação do aluno consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem. Baseado nessa afirmação pode-se imaginar que para essa aluna faltou esse envolvimento, e tal falta de envolvimento nos leva a observar que um dos fatores para o baixo rendimento, trata-se do déficit ou a diminuição da motivação, que por sua vez, pode ter sido causada justamente pela ausência de uma sequência lógica dos conteúdos para a aluna.

Quando olhamos para Tereza, terceira aluna da tabela, percebemos que o desempenho educacional era crescente e quando foi para o 6º ano houve um declínio. Sendo que na escala de 0 a 10, como são utilizadas as notas na escola, talvez essa regressão do 5º ano para o 6º ano para essa aluna não cause muitos danos, todavia, se essa regressão continuar nos anos seguintes, pode ser prejudicial ao seu processo de aprendizagem.

Já no término das séries iniciais podemos observar que houve bom desempenho da aluna, conforme as suas notas de 8,0 no 4º ano e 8,4 no 5º ano. Atenuante a isso, para que o aluno não perca a motivação Bzuneck (2009) propõe que o próprio aluno se esforce no processo de aprender com persistência especificamente quando as tarefas parecerem ser mais exigentes. Considerando que a disciplina de matemática para a maioria dos alunos tem se tornado o “bicho papão”, o professor pode interferir trazendo em sua metodologia assuntos que despertem o interesse dos alunos, como relata Guimarães (2001). Desse modo, alunos como Tereza tende a manter-se motivados em aprender, pois Leite (2007) complementa que é muito mais prazeroso aprender aquilo que nos interessa.

De modo geral, a média das notas dos 8 (oito) alunos mencionados como mostra a tabela é 7,2 no 4º ano, 7,7 no 5º ano e 7,0 no 6º ano. Podemos ver que quando os alunos passam do 4º para o 5º ano, a média cresce, contudo, quando passa para o 6º ano, a média diminui. Considerando, esses fatores, e analisando o que diz os autores nos quais esta pesquisa foi baseada, podemos observar que de certa forma está havendo falta de motivação, quando os alunos passam do 5º para o 6º ano. Essa afirmação tem fundamento, se olhamos para os reflexos que a falta de motivação ocasiona, que nesse caso é a queda frequente das notas dos alunos na disciplina de matemática.

Considerações finais

Como objetivo geral dessa pesquisa é refletir acerca da falta de motivação dos alunos matriculados no 6º ano na disciplina de Matemática do Ensino Fundamental na Escola Estadual 31 Março, observando diretamente o baixo rendimento em suas notas. Para tal análise elencamos algumas considerações a seguir: Tendo em vista as notas dos alunos do 4º, 5º e 6º ano do ensino fundamental na disciplina de matemática, relatamos alguns reflexos concernentes à falta de motivação. Ao analisarmos a média dos três anos decorrentes dos alunos, verificamos que quando eles passam do 5º para o 6º ano, há uma defasagem de suas notas: de 7,7 para 7,0, ou seja, há um baixo rendimento no sexto ano se comparado com o quinto ano. Tal defasagem tem como um dos pontos negativos o acarretamento da falta de motivação.

Por fim, destacamos que a transição dos alunos matriculados nos anos iniciais, para os anos finais do ensino fundamental, em que o primeiro tem como responsável em sala, um único professor e o segundo um professor para cada disciplina, ocasiona um baixo rendimento se comparada nota por nota, assim, podemos relatar que um dos elementos responsáveis por tal

ocorrência, é a falta ou a diminuição da motivação. Logo, como afirmamos a motivação ou nesse caso a falta dela é um dos fatores existentes, de maneira que deixamos nesse momento a proposta para que o leitor busque pesquisar qual ou quais os outros fatores possivelmente afetaram esse rendimento nessa transição. Dessa forma, voltamos a questionar, o baixo rendimento dos alunos do 6º ano na disciplina de Matemática: Falta de motivação?

Referências

- Becker, F. Modelos Pedagógicos e Modelos Epistemológicos. *Paixão de Aprender*, 5, 18-23. Porto Alegre.
- Bock, A., Furtado, O., & Teixeira, M. L. (1999). *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia* (13ª edição reformulada e ampliada). São Paulo-SP: Saraiva. 3ª tiragem — 2001.
- Buzneck, J. A. (Org.). (2009). *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea* (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Carvalho, M. F., Pereira, V., & Ataíde, S. P. (2010). *A desmotivação da aprendizagem de alunos de escola pública do ensino fundamental I: quais fatores envolvidos?* Centro de educação, UFPE.
- Coll, C. (2004). *Desenvolvimento psicológico e educação: Transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fita, E. C. (2003). *O professor e a motivação dos alunos. O que é e como se faz* (5ª ed.). São Paulo: Loyola.
- Guimarães, S. E. R. (2001). Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In J. A. Buzneck, & E. Boruchovitch (Orgs.), *A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea* (pp. 37-55). Rio de Janeiro: Vozes.
- Huertas, J. A. *Motivação e desmotivação: desafios para os professores...* Disponível em: <http://calvadosc3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/> n.27 p.277-290; 2006. Acesso em: 01 de abr. 2014.
- Luna, I. (2008). *Como lidar com alunos desmotivados*. Acessado em: Site: <http://aldoluna.webnode.com/news/como-lidar-com-alunos-desmotivados/>
- Leite, C. (2007). Ensinar... e aprender. Construir notícias. *Construir*, 37, 30-49. nov./dez. Pernambuco.
- Lira, P. H. (2013). *A influência da relação professor-aluno na motivação/desmotivação à aprendizagem* (Trabalho de Conclusão de Curso). 14f. Faculdade UnB Planaltina Licenciatura em Ciências Naturais, Brasília.
- Lüdke, M., & André, M. E. D. A. (2008). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU.
- Marinho, A.P., & Fiorelli, J.O. (2005). *Psicologia na fisioterapia*. São Paulo: Ateneu.
- Piletti, C. (1993). *Didática geral* (15ª ed.). São Paulo: Atual.
- Pozo, J. I. (2006). Motivação e desmotivação: desafios para os professores. *Educar*, 27, 277-290. Disponível em: <http://calvadosc3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/>. Acesso em: 01 de abr. 2014.
- Riplinger, T., & Brancher, V. R. (2006). *A aprendizagem significativa e o ensino da matemática: algumas reflexões*. Rio Grande do sul. Acessado em: 06/06/14 site: www.unifra.br/.../matemática/A%20APRENDIZAGEM%20SIGNIFICATIVA%20E%20O%20
- Souza, C (2009). Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. In J. Tapia, & E. C. A. Fita, *A Motivação em Sala de Aula: O que é, como se faz* (8ª ed., pp. 13-59). São Paulo: Edições Loyola.